

EST. 5/E
CÓD. 08
PUBLICAÇÕES
MIS/PR

Cadernos do MIS
junho 1989 nº 8



**RODOLFO GUERKE,
FOTÓGRAFO**

CADERNO MIS
C102-025

CADERNO DO MIS nº 8 - RODOLFO GUERKE,
FOTÓGRAFO

DEPOIMENTO DE RODOLFO GUERKE
A VALÊNCIO XAVIER

TRANSCRIÇÃO DA FITA: CLÁUDIA BRITO

EDITOR: VALÊNCIO XAVIER

EDITORIAÇÃO: CLÁUDIA BRITO

COMPOSIÇÃO: RITA FRANCO

FOTOS: RODOLFO GUERKE

REPRODUÇÃO: C. BUSATTO (MIS)

CAPA: DÉBORAH SCHWANKE

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: SONIA YAMANOUCHI

RODADO NA CENTRAL DE REPROGRAFIA DA SEEC
RESPONSÁVEL: OSMÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 395 FONE (041) 232 9113
CEP 80 010 - CURITIBA -PR

* PEDIMOS PERMUTA

APRESENTAÇÃO:

Com este caderno, dentro do programa de divulgação de seu acervo, o MIS inicia uma série sobre fotógrafos de estúdio, da capital e do interior do Paraná.

O início da série com o depoimento de Rodolfo Guerke, tomado em Jaguariaiva, em dezanove de março de 1989, tem sua razão de ser: primeiro pelo fato de se tratar da história de uma pessoa que, de operário passa a fotógrafo da fábrica de papel de Arapotí, praticamente sem que ninguém lhe tenha ensinado as técnicas mais elementares da fotografia. Este autodidatismo, meio forçado pelas circunstâncias - falta de escolas, de mestres dispostos a revelar seus segredos, falta de literatura técnica, etc... - parece ser uma constante nos fotógrafos do interior paranaense, a julgar pelos depoimentos já tomados pelo MIS.

Um segundo ponto é o fato do estúdio fotográfico Guerke ter se mantido na mesma cidade, Jaguariaiva, durante tanto tempo e continuar existindo hoje e ainda nas mãos da família.

Um terceiro ponto: as fotos inéditas do grande incêndio do Paraná, em 1963, que são, através deste caderno, pela primeira vez divulgadas. Não é intuíto do MIS fazer sensacionalismo, mas sim dimensionar a extensão daquela tragédia que se abateu sobre nosso estado, publicando fotos com registro de vítimas humanas que, não se sabe por quais razões, não se permitia mostrar naquela ocasião.

Desnecessário dizer que na transcrição do depoimento de Rodolfo Guerke foram seguidos os padrões internacionalmente estabelecidos, dos quais, para facilitar a leitura, damos alguns códigos.

C Ó D I G O S

- ... = PAUSA
- // = OUTRA PESSOA INTERROMPE A FALA
- (?) = INAUDÍVEL

VALÊNCIO XAVIER:-... (?)...Feito em Jaguaraiva em 19 do, de março de 1989 com o "seo" Rodolfo Guerke, ah, fotógrafo, ex-funcionário do... (hum)do Ministério do trabalho, aposentado, I, homem ligado ao cinema, e realizador, e realizou filmes e foi, cuidou da cinema da, do fábrica de papel, de Apo, Arapotí. A "seo" Rodolfo, o senhor é nascido aonde e em que data?

RODOLFO GUERKE;- Em Piraí, em 15 de setembro de 1914.

VALÊNCIO XAVIER:- A, o senhor é filho de quem?

RODOLFO GUERKE:- Adolfo Guerke e Izabel Ribeiro Guerke.

VALÊNCIO XAVIER:- O seu pai fazia o que "seo" Rodolfo?

RODOLFO GUERKE:- Ele era marceneiro, construtor de, de serrarias, de serrar madeira, ferreiro, era de tudo na vida (riso).

VALÊNCIO XAVIER:- O, se, o senhor fico, nasceu em Piraí e viveu lá, até que ano?

RODOLFO GUERKE:- Vivi lá, até 1932, depois fui para a fábrica de paper, lá sai, e trabalhando no maquinário da fabricação de paper (tosse) passei a ser encarregado da, do "Cini Embraper" da fábrica de paper e trabalhei como funcionário no escritório e garguei um cargo no Ministério do trabalho como contratado, depois fui efetivado funcionário público federar, com um grau de agente administrativo, aí eu vim pra Jaguariaiva e montei um posto de identificação, nessa cidade de Jaguariaiva...e aqui toquei um estúdio fotográfico também, que logo depois que eu fui, gargado esse cargo como funcionário público, do Ministério Público, não podia ter, livros aberto te outra função, aí, então eu trouxe o filho meu de Telémaco Borba, para toca o estúdio fotográfico e eu

fiquei cuidando sô do posto de identificação, aí logo me aposentei, isso me aposentei com 46 anos de serviço, e agora tô aqui aposentado.

VALÊNCIO XAVIER:- "Seo" Rodolfo, o senhor disse que foi pra fábrica de papel trabalha, que idade o senhor tinha quando o senhor foi pra fábrica de papel?

RODOLFO GUERKE:- Tava com 19 anos.

VALÊNCIO XAVIER:- O senhor já havia trabalhado antes, ou não?

RODOLFO GUERKE:- Não, trabalhava assim avurso em, não antes eu pratiquei o telégrafo da rede, da estrada de ferro, e passei a ser telegrafista praticante, em 1930, em 29 eu entrei na rede, em 30 eu saí, aí fui pra Arapotí, pra fábrica de papel.

VALÊNCIO XAVIER:- Por que o senhor da, da rede, foi em função da revolução de 30 ou não?

RODOLFO GUERKE:- Foi na revolução de 30. Eu queria i pra fábrica de papel que já tinha um irmão meu que trabalhava lá /ahã/ aí ali eu fiquei.

VALÊNCIO XAVIER:- O senhor começo, o senhor disse, o senhor começou trabalhando no que na fábrica de papel?

RODOLFO GUERKE:- Na fábrica de papel comecei antes de, de ajudante de caminhão, (?) depois passei a trabalhar... no maquinário da fábrica, ali eu aprendi em tudo, foi máquina, eu era o reserva de todos, as máquina lá. Quando um se acidentava de noite, ficava doente, então iam me chamar em casa. Naquele tempo eu, se trabalhava 12 horas e os domingos tinha que trabalha também, então eu fui angariando ali e com

força de vontade fui passando de, de cargo, de, de, passei a ser fiscal de fabricação, passei a trabalhar no laboratório químico aí o, o coroner, que era o diretor da fábrica, montou um laboratório fotográfico, e eu fiquei como fotógrafo oficial das, "das Indústria Brasileira de Paper Incorporadas".

VALÊNCIO XAVIER:- O senhor tinha já conhecimento de fotografia ou não?

RODOLFO GUERKE:- Já tinha mais ou menos uma noção.

VALÊNCIO XAVIER:- Aonde o senhor aprendeu essas noções?

RODOLFO GUERKE:- A pé, aprendi lá em Ja, em Pirai mesmo.

VALÊNCIO XAVIER:- Mas com quem?

RODOLFO GUERKE:- Por minha conta mesmo.

VALÊNCIO XAVIER:- (riso) e como é esse aprende fotografia por sua conta?

RODOLFO GUERKE:- Porque eu era a, amava a arte fotográfica né, admirava muito cinema também, brincava lá de, di fotógrafo... a, tirava fotografia das menina lá de, brincadeira né.

VALÊNCIO XAVIER:- Como é que o senhor fazia isso, pra tira as fotografia das menina...

RODOLFO GUERKE:- A tinha, eu fazia um tripé de, dessa, de mandioca, punha uma lata de azeite em cima, um pano de, do guarda-chuva preto, cobria em cima e arrumava as menina lá e coisa, enfeitava com flor todas elas e fazia, atenção : "tec"! Depois eu recortava um, uma fotografia de, de artista de cinema assim, e levava para elas

como fosse a fotografia delas./riso/ aí eu comecei a, comprei uma maquinazinha Kodak e comecei a bate chapa e mandava pra, pra São Paulo pra revela nê.

VALÊNCIO XAVIER:- Não revelavam aqui nessa região?

RODOLFO GUERKE:- Não. I depois eu, quando eu tive na fábrica de paper, eu já tirava essas fotografia mas sempre mandava pra São Paulo. Aí apareceu um fotógrafo de, de Siqueira Campos nê, que fazia serviço a vurso nê, fotografia pro povo.

VALÊNCIO XAVIER:- O senhor lembra do nome desse fotógrafo?

RODOLFO GUERKE:- Era, era um alemão, não me alembro o nome dele, era, parece que Guilherme ou, já me esqueci já. Mas então aí eu, ele tinha um, uma pessoa que, que fazia o serviço pra ele, revelava chapa tudo nê. E fazia as cópia, depois ele vinha só pra recebe do povo nê, entrega o retrato nê. Daí eu falei, pra ele, com o rapaz, você revela, que me ensina a, a revela fotografia? Ele disse: "A não, você vai depois tira meu ganho". /riso/ aí eu, eu falei pra ele digo, tenho uns filme lá pra você revela pra mim, você revela? Umas cópia primeiramente nê? /ê/ aí ele, você vai no meu quarto, ele trabalhava à noite, e ele, e eu vendo como é que ele fazia tudo nê, digo, a é assim, aí peguei o misto que, naquele tempo não tinha ônibus que vinha pra Jaguariáiva peguei o misto e vim pra Jaguariáiva...

VALÊNCIO XAVIER:- O misto era o trem?

RODOLFO GUERKE:- É trem, aí comprei de um fotógrafo lá, um pacote de paper 18X24, um litro de revelador,

um litro de fixador.

VALÊNCIO XAVIER:- A, que dize que tinha um fotógrafo aqui em Jaguariáiva?

RODOLFO GUERKE:- Tinha. Aí então cheguei na fábrica, comecei a, montei uma câmara escura lá, eu via como era, luz vermelha e tudo nê, e comecei a fazer as fotografia, agora não sabia como é que revelava o filme nê /riso/ aí eu falei, o Arturzinho você que eu tinha um filme pra revela você revela pra mim, "então você leve de noite lá", no, hoter nê, /ê/ aí e, entramo no quarto lá, ele apago a luz, pos a luz vermelha e revelou o firme, eu vi, digo: a, é assim é. Cheguei em casa, revelei, um filme com luz muito viva /ahã/ velo o filme. Eu digo: assim não pode ser aí eu peguei, pus mais uns pacote vermelho de, de pó de café, /ê/ que tinha antigo nê, transparente, é aquele paper transparente i, revelei o firme, saiu bom, aí comecei fazer ali eu comecei, aí que veio o se, coronêr nê, que montou esse laboratório, eu passei pro laboratório fotográfico.

VALÊNCIO XAVIER:- Que dize, esse coronel, como era o nome dele?

RODOLFO GUERKE:- Coronel Adimistopole Cordeiro de Melo.

VALÊNCIO XAVIER:- Ele montou o laboratório já em função do senhor?

RODOLFO GUERKE:- É

VALÊNCIO XAVIER:- Já, porque o senhor sabia...

RODOLFO GUERKE:- Não eu trabalhava, na no maquinário lá nê, /ê/ e ele chegou, quando ele foi pra pro Rio, ele se informou quem era o fotógrafo, aí falaram é o Rodolfo Guerke que é o fotógrafo aí nê. Aí ele chamou eu, ele, não ele foi lá onde que eu tava trabalhando, perguntou: "você que é o fotógrafo?" Digo: não sou, não

sou fotógrafo, sou amador. "Você me aparece lá no escritório depois, quero fala com você." Aí apareci no escritório, lá ele tinha uma uma vista da fábrica de papel, em tamanho grande, na parede pe, aí ele disse: "tá vendo essa fotografia ali, aquele quadro?" digo: sim senhor. "Você é capaz de fazer um serviço desse." Digo: não, fazer eu não posso fazer, porque não tenho papel e não tenho essas, a , bacia pra da os banho né. Disse: "Eu vou manda pra você." E foi pro rio, quando foi uns dia apareceu lá o material pra mim sabe, e eu peguei a máquina minha, andei procurando o ângulo da, da fábrica né, e peguei e fiz o dobro de maior, e colori, pinte a aquarela né /ahã/ aí ele veio lá, quando ele chegou ele desenrolou assim, e mandou um secretário dele pega na ponta do, daquele papel, tava 1 metro e pouco de comprimento por 60 de largura e olhou, e viu todo aquele serviço, ficou encantado com aquilo, aí começou, aí mandando vim o material, ampliador e o computador laboratório né. Aí eu toquei o laboratório até a saída dele. Depois eu pedi pra sair de lá. Fui trabalhar no armazém de abastecimento... /da, da.../ da indústria/da indu.../

VALÊNCIO XAVIER:- Por que que o senhor saiu, quis sair do laboratório fotográfico da empresa?

RODOLFO GUERKE:- Porque não tinha mais serviço eu era o fotógrafo oficial, mas aí depois e, eu ficava lá, fazendo serviço pra mim só lá, e ganhava, assinava o livro ponto e ficava lá o dia inteiro, e atendendo o laboratório químico, que vinha esses, esses estudantes de Curitiba, fazer estágio lá né /e/ químico, e eu ficava lá pra dá o, os copo graduado pra ele i, enfim drogas e coisadas, e eu fazia os, os testes do papel, media a, a resistência das, da força das fibra tudo né, e dali e que eu fui pro armazem que, eu pedi, que na minha carteira de... pro

fissional tava registrado: fotógrafo oficial das Indústrias Brasileira de Papel Incorporado. /ah/ e eu não conhecia as leis ainda né, que eu não pedi a transferência minha do, do escritório, então eles passaram lá como, como escriturário, depois passei pro escritório, não era mais fotógrafo né /ahã/ se eu quizesse, se eu conhecesse as leis, falava não, minha profissão é, é fotógrafo, então eu vou ficar como fotógrafo. Eles não podiam mexer na minha carteira, /pois é/ mas infelizmente eu, não entendia das leis né /é/ daí passei pro escritório e depois saí com 46 anos da fábrica, /sei/ sem direito de indenização nenhum, porque eu, aí passou pro Lupion a fábrica /é/ que o cunhado dele era o gerente lá, e disse: "não é, esse é um funcionário que eu preciso aqui não vou te, te indeniza você, você tem que fica aqui". Mas eu com 46 anos de serviço, eu digo, não. Aí eu vim pra Jaguariaiva e, experimentei a a praça né, como fotógrafo e como identificador contratado, /da, do Ministério/ do Ministério do Trabalho. Aí... Fiquei, tirava licença senhor. Aí chegou tempo, venceu o tempo que eu podia tira aquela licença, aí abandonei /ahã/ depois quando garguei esse, fui efetivado funcionário público federar, aí levei a minha carteira no escritório lá pra eles darem baixa /ahã/ aí então, aí que veio a nomeação minha como, o, identificador efetivado, aí eu dei baixa no estúdio fotográfico, passei pro filho fiquei continuando o Posto de Identificação, i, depois me aposentei e aqui estou.

VALÊNCIO XAVIER:- É. Agora que, que o senhor, i, lá no, no, como fotógrafo oficial das Indústrias de Papel o senhor fotografava a fábrica, visí... tinha, quando vinha visitante tinha...

RODOLFO GUERKE:- É visitante, festas religiosas, festas, por exemplo esportiva. I... as, a plantação de pinho, di, di eucalipto, outro, outras árvores que tinha boa fibra de rendimento que eles plantavam e sempre fotografando o desenvolvimento da, da, da árvore nê /ê / pra eles mandarem pra superintendência no Rio de Janeiro.

VALÊNCIO XAVIER:- Esse material, esse material tem em arquivo lá na fábrica ainda ou não?

RODOLFO GUERKE:- Do que?

VALÊNCIO XAVIER:- Dessas fotos que o senhor tirou, será que estão arquivadas na fábrica ou não?

RODOLFO GUERKE:- Não, acho que foi, por sinar eu ganhei, dum outro diretor nê /a/ que chegou lá, eu queria compra o material do laboratório nê /ê/ aí ele fa... o, o, parece o, o Wander, o nome dele nê, desse diretor, chamou o almoxarife lá mando pre, perguntou pra ele se estava registrado aquela, aquele maquinário nê /ahã/ tá no inventário nê, aí ele falo, o almoxarife falou: que não estava, ele disse: "Tá aqui Rodolfo, então isso aqui você vai ganha porque você prestou muito serviço pra indústria, você merece isso", /ê/ e me deu tudo.

VALÊNCIO XAVIER:- É. Mas e as fotos mesmos se perderam?

RODOLFO GUERKE:- Não as fotos ficou por lá, só ficou, fiquei com os negativo nê.

VALÊNCIO XAVIER:- É. Esses que o senhor tá passando agora pro Museu da Imagem e do Som, é só esses que sobraram?

RODOLFO GUERKE:- Não, que, eu entreguei pro senhor ali?

VALÊNCIO XAVIER:- É

RODOLFO GUERKE:- É só esses.

VALÊNCIO XAVIER:- É só isso que sobrou?

RODOLFO GUERKE:- É que tem, tem prantação de pinus, eucalipto que o senhor ainda vai vê.

VALÊNCIO XAVIER:- É. E, bom, então i, i, o senhor me diga uma coisa "seo" Rodolfo e como é que foi que o senhor passou pra, pra cuida do cinema da indústria?

RODOLFO GUERKE:- Aí já é quando, o tinha um, um encarregado do cinema, que era taxado o preço das entrada lá "x" nê... e...

VALÊNCIO XAVIER:- É. O cinema era da indústria?

RODOLFO GUERKE:- Da indústria.

VALÊNCIO XAVIER:- E cobravam entrada dos fu...

RODOLFO GUERKE:- Dos fun... operário, funcionário nê, e ele, elevou os preços das i, do ingresso, di, da entrada, do cinema, e o diretor achou que ele não podia fazer aquilo sem com, te uma autorização da, da... diretoria nê, aí pego tiro ele, e eu era auxiliar dele.

VALÊNCIO XAVIER:- A o senhor já tava trabalhando lá...

RODOLFO GUERKE:- Trabalhava como operador nê, cinema, do, do aparelho.

VALÊNCIO XAVIER:- Quem que lhe ensinou operar o aparelho?

RODOLFO GUERKE:- A isso como aí o senhor viu esse aparelho velho nê, que era mudo, nê, silencioso, eu começava já trabalha de, de, de auxiliar de operador nê, /ê/ agora depois eu passei a ser encarregado do cinema da, da indústria /ê/ época eu passava, eu que fazia os contrato de firme /ahã/ os preços das entradas era três cruzado, naquele tempo, três mil réis nê, i aí,

·passei a dirigir o cinema /ê/ a, a quinze anos dirigi o cinema.

VALÊNCIO XAVIER:- Que, de que ano a que ano, mais ou menos?

RODOLFO GUERKE:- Isso foi em mil novecentos e... e quarenta, não eu entrei no, no cinema foi desde 1934, com o aparelho mu... /mudo.../ mudo nê, /ê/ depois fui, co, que foi incorporada a indústria, a fábrica lá nê, aí então o...

VALÊNCIO XAVIER:- Foi incorporado o, como assim?

RODOLFO GUERKE:- No, na, na gestão da Revolu... da guerra nê, de, de 40 nê /ê/ aí então o...

VALÊNCIO XAVIER:- Foi incorporado ao governo federal?

RODOLFO GUERKE:- Ao governo federar... aí o, eu fiquei trabalhando no, no escritório e, como auxiliar de, de, da seção comercial nê / ê/ depois assumi, a seção comerciar como chefe e sempre tocando o cinema.

VALÊNCIO XAVIER:- O senhor fazia as coisas paralelo?

RODOLFO GUERKE:- É, agora depois entro o, a fábrica passou pro Lupion.

VALÊNCIO XAVIER:- Em que ano mais ou menos? Foi depois da guerra nê?

RODOLFO GUERKE: Foi depois da guerra /ê/ isso não me alembro bem o ano, aí o... eu fiz um pedido de material pro cinema, entreguei pro diretor. Ele pegou co meçou a, o pergunta pra mim quanto, naquele tempo e- ra com, vitrola com agulha nê /ê/, com agulha quantos disco dava pra toca coisa nê. Digo da pra toca,



ENCHENTE EM JAGUARIAIVA
Data: 18/01/63



ENCHENTE EM JAGUARIAIVA
Data: 18/01/63



ENCHENTE EM JAGUARIAIVA
Data: 18/01/63



ENCHENTE EM JAGUARIAIVA
Data: 18/01/63



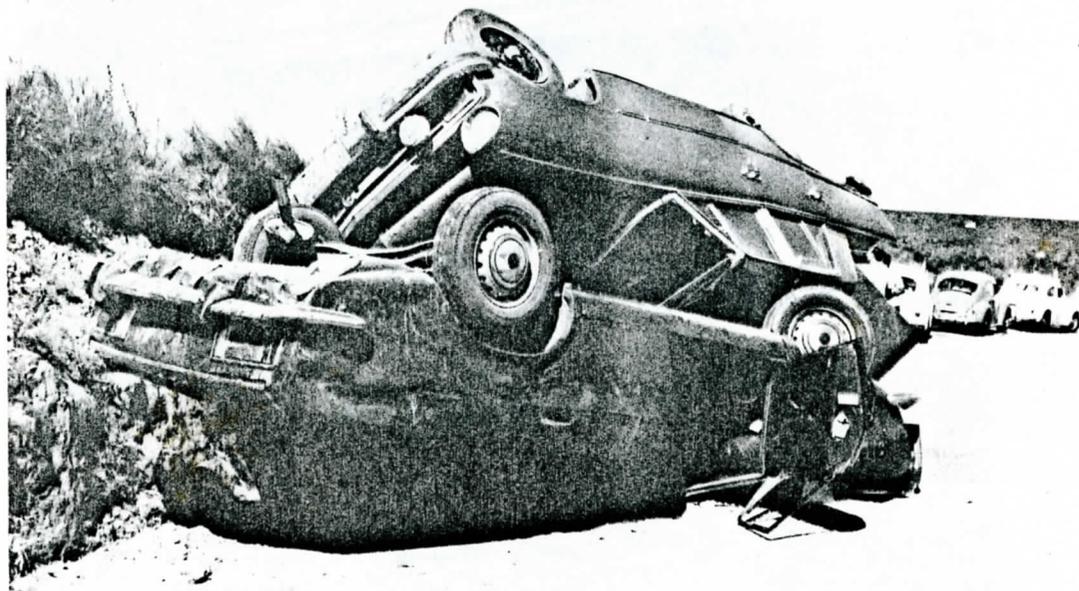
ENCHENTE EM JAGUARIAIVA
Data: 18/01/63



ENCHENTE EM JAGUARIAIVA
Data: 18/01/63



ENCHENTE EM JAGUARIAIVA
Data: 18/01/63



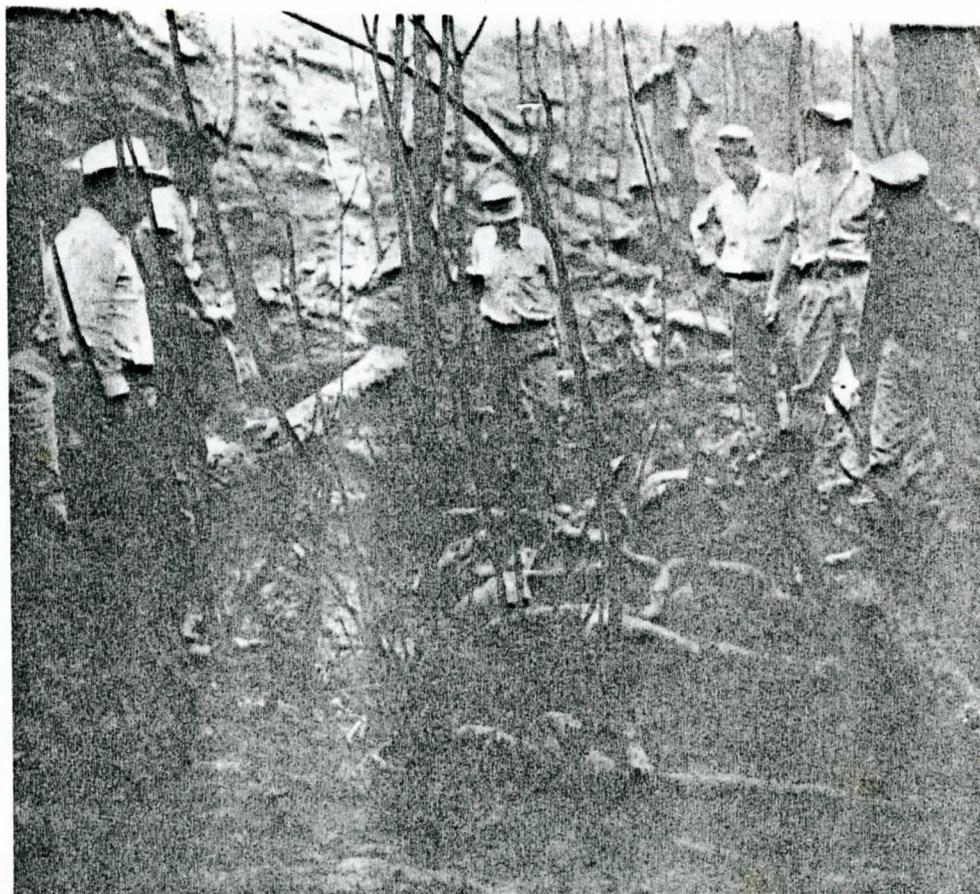
ACIDENTE DE CARRO EM JAGUARIAIVA
Data: s/d



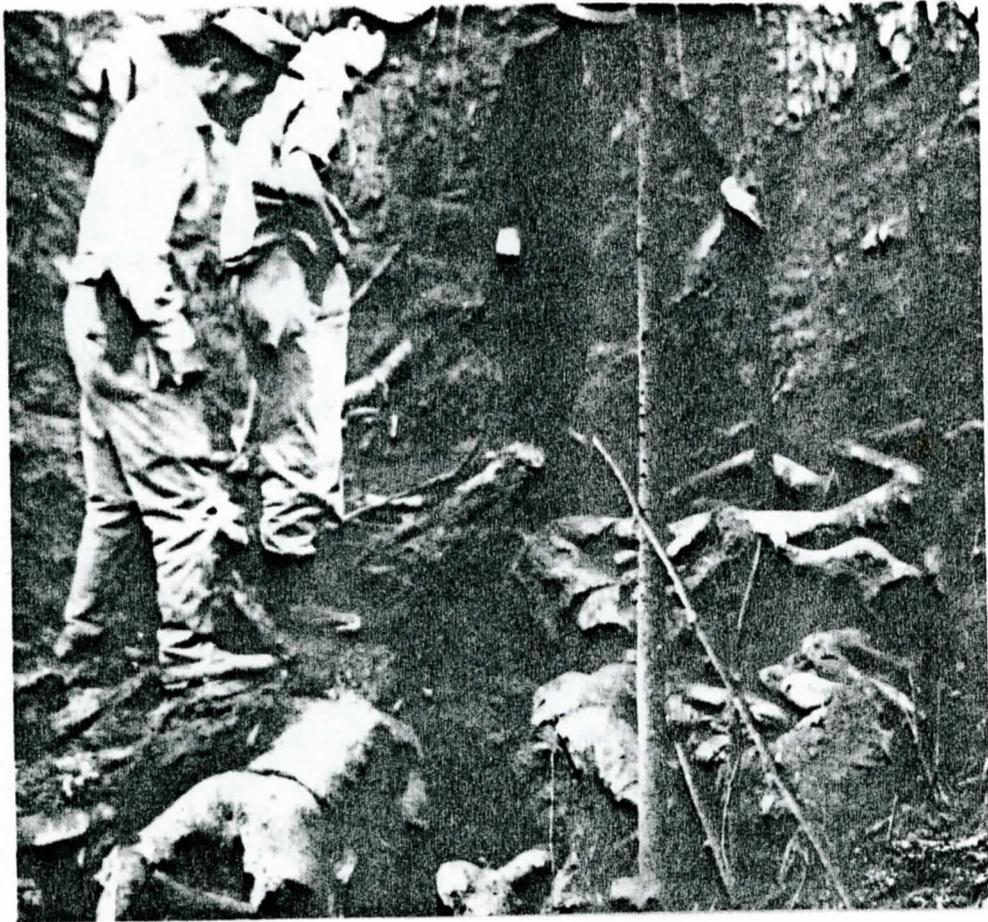
O GRANDE INCÊNDIO NO PARANÁ - ARAPOTI
DATA: 1963



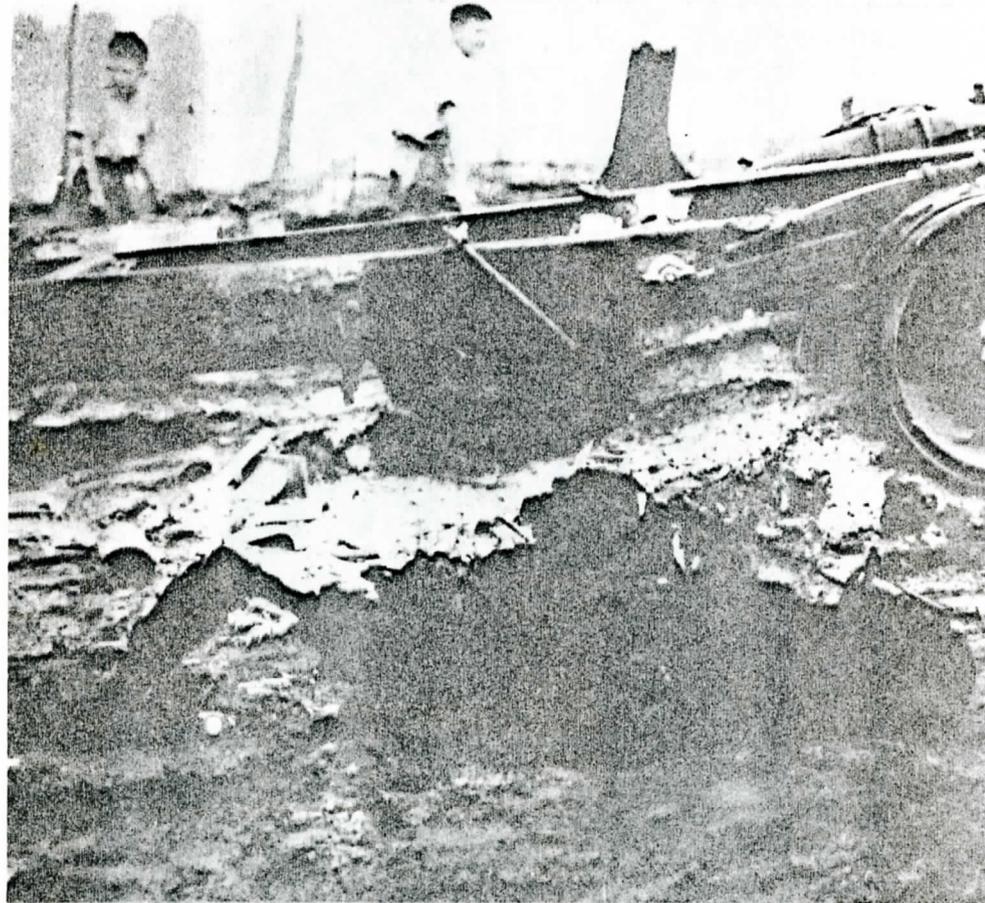
O GRANDE INCÊNDIO NO PARANÁ - ARAPOTI
DATA: 1963



O GRANDE INCÊNDIO NO PARANÁ - ARAPOTI
DATA: 1963

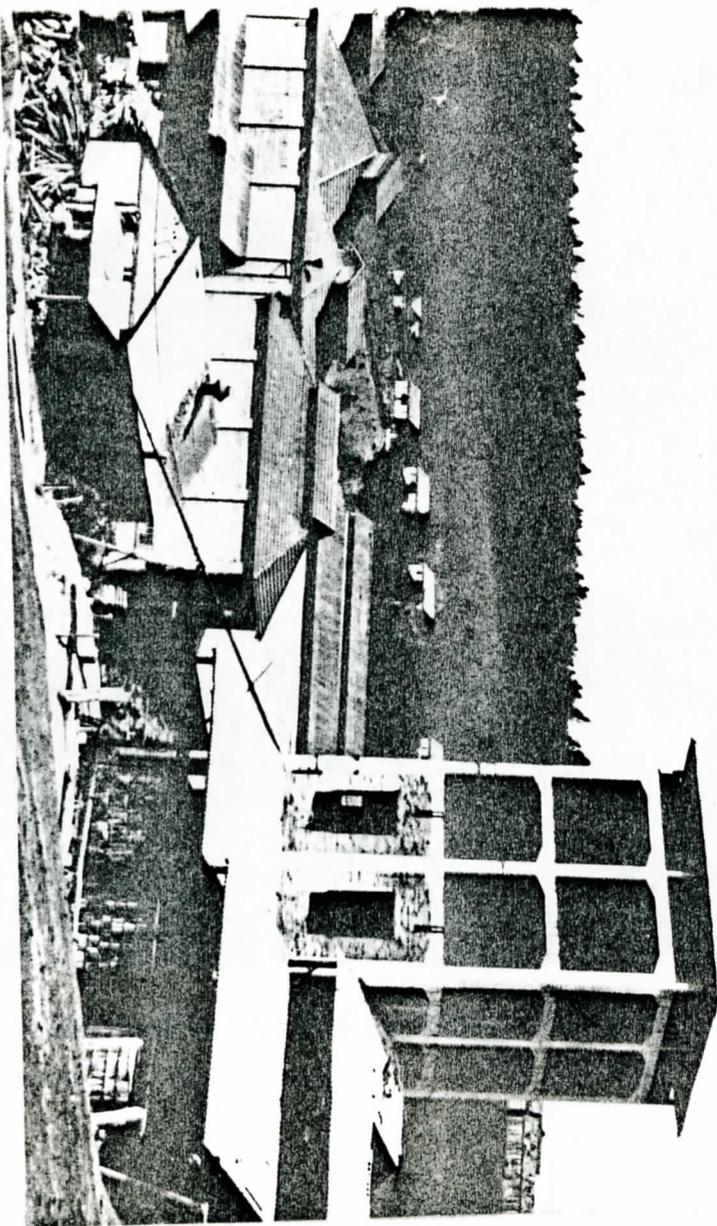


O GRANDE INCÊNDIO NO PARANÁ - ARAPOTI
DATA: 1963



O GRANDE INCÊNDIO NO PARANÁ - ARAPOTI
DATA: 1963

"INDÚSTRIAS BRASILEIRAS DE PAPEL INCORPORADAS"
AO FUNDO FLORESTA DE PINHEIROS DEVASTADOS PELO
INCÊNDIO.



XIX

virando a agulha da pra da umas quatro, uns dois disco nê. Aí ele foi resumindo, eu pedi uma caixa de agulha, tinha seis caixinha nê /ê/ e com agulha que cabe /ê/ i, quantos carvão que era pra dá a projeção, eu tinha posto cinquenta carvão, ele pois vinte e cinco/hum/, pedi um litro de cola, pra cola o firme, ele pois meio litro /riso/, eu pedi duas correia de motor, que às veis sempre rebentava nê /ê/ ele pois uma sô, válvula que é preciso pro amplificador, que, que isso é uma coisa que se, se não tiver uma de reserva, na, na se não, queima uma varvula ficava parado o cinema/ê/ o cinema silencioso nê /ê/, ele resumiu tudo. Aí eu vortei lâ, pus um pedido na máquina bati. Não, não peguei da mão dele embolei assim, joguei na cesta de lixo, ele me olhou assim... (?)... /ê/ entreguei outro pedido conforme ele tinha me dito nê. Ele fa, eu falei pra ele: o senhor Hernani a partir de agora o senhor pode por outro no meu lugar, porque eu não quero mais o cinema. "Então você endique um! Digo não, ponha quem o senhor quizer, que eu não vou tocar mais nê. Aí depois o povo queria faze abaixo assinado pra mim vorta /ê/ digo: não...

VALÊNCIO XAVIER:- Não quis mais sabe...

RODOLFO GUERKE:- Não quis mais sabe, porque eu, eu tinha, o cinema era uma coisa extraordinária nê, /ê/ eu ganhava uma gratificação por mês pra pra atende aquilo nê, /ê/. Aí eu fiquei trabalhando na seção comerciar e depois...

VALÊNCIO XAVIER:- Finalmente saiu.

RODOLFO GUERKE:- Ensinei um, uma mocinha... a, a tirar, expedir nota fiscal, de exportação e fazer mapas de produção tudo nê... i, i ele quando, quando passou pro Lupion, eu como era um, um funcionário antigo ele pôs ela como chefe da seção e eu como auxiliar

./hum/. Ali que aí eu me queimei com aquilo, aí eu comecei tira licença. Porque eu tinha que, direito de tirar, três meis, seis mês nê /hum/ e comecei angaria a vida por fora... com fo... com fotografia /ê/ que depois eu achei que Jaguariaiva era uma praça boa pra mim e vim me embora pra cá. Que naquele tempo eu garguei esse cargo no Ministério do Trabalho e fiquei.

VALÊNCIO XAVIER:- I, esse, esse estúdio (?) Em Jaguariaiva, como é que, como é que foi, que o senhor, que tipo de serviço o senhor fazia?

RODOLFO GUERKE:- Essa fotografia 3X4, fotografia com data para carteira profissional i, i reportagem de batizado, casamento nê, festas, desfiles, é jogo de futebol nê, e outras, fotografia artística nê /ê/ que nós tirava no, no atelier, naquele tempo era..

VALÊNCIO XAVIER:- Como é que eram as fotografias artísticas?

RODOLFO GUERKE:- Eram pose que, que as mocinha faziam lá que eu batia /a/ e depois. Fazia o colorido a aqua rela nê, e hoje estuda o processo nê, de cor.

VALÊNCIO XAVIER:- I, o senhor me diga i, a, a, o senhor fotografava assim, as enchente da cidade as /ê/ o que que o senhor lembra assim de, desse negócio tipo tragédia assim que o senhor fotografou?

RODOLFO GUERKE:- É quando acontecia uma tragédia nê, assim nas estrada nê, então vinham me pega aqui pra tira fotografia de acidente de, de, como aí o senhor vai vê a queima da, das, dos pinho que houve queima, grande queima, lembra-se?

VALÊNCIO XAVIER:- Não, não tô...

RODOLFO GUERKE:- O senhor vai vê nesses negativo gente montoeira de gente morta, queimando, e outros negativo

que que o senhor tem aí é de, de carro tombado, um por cima do outro e enchente também que te, fotografei tem tudo aí.

VALÊNCIO XAVIER:- I, ai o se, o senhor foi tocando até, até foi tocando laboratório fo, fotográfico, o estúdio, até que por, por causa do, da função no Ministério do Trabalho o senhor teve que passa pro seu filho /ê/ o senhor que ensinou a profissão pro seu filho?

RODOLFO GUERKE:- O meu filho desde... desde pequeninho ele já... aprendeu a, a fotografia /ahã/ eu trabalhava na fábrica, então ele revelava os firme pra mim de dia nê /ahã/ e fazia as cópia, eu revelava os firme à noite e ele fazia as cópia de amator nê /ahã/ durante o dia. Aí ele aprendeu, agora depois ele foi... foi servi o governo depois foi lá pro clabin, trabalha na Fábrica, ficou lá... muitos anos lá, depois foi aposentada...foi indenizado, naquele meio de tempo ele estava trabalhando em uma, um posto de gasolina, que já tinha saído lá, lá da fábrica lá /ê/ nê. Aí como eu fui enquadrado a funcionário do Ministério do Trabalho, aí eu trouxe ele e dei.../ê/ o estúdio, porque eu não podia toca o estúdio sendo funcionário...

VALÊNCIO XAVIER:- Funcionário nê. E o, hum, e agora quem que tá tocando o estúdio, o seu filho, agora em 1989, quem que tá tocando o estúdio?

RODOLFO GUERKE:- É o filho e dois neto nê.

VALÊNCIO XAVIER:- Ah tá. Os dois netos também aprenderam a profissão e tão tocando. /ê/ e tá indo bem, como, da pra vive...

RODOLFO GUERKE:-- Não dá, pois é, aqui é o foto é o mais credenciado aqui, aqui tem, tem mais dois estúdio fotográfico, mas o mais credenciado é o "Foto Guerke". Ele que manda (?)

(?) + Mais tradição...



RODOLFO GUERKE:- É tradição, porque eu cheguei aqui em 1957 nê... tinha quatro fotôgrafo, e eu abri a, o estúdio a primeira vez com mostruário. Eu já tinha mostruário de fotografias bem tirada nê, o povo ia sô pra vê o, a exposição não é /ê/ e nada...

VALÊNCIO XAVIER:- Não aparecia ninguém prá'(?)

RODOLFO GUERKE:- Quando foi no terce... no segundo dia apagou a luz, ficou três dia a cidade sem luz, naquele tempo era uma luz muito fraca nê /ê/ (?) eu tava desisperado, tava querendo me, cai fora dali nê, e tinha pessoas, autoridade, juiz de direito, outros chefões aqui de Jaguariaiva; "Não Rodolfo, você não vai sair daqui, você vai ficar, tá precisando de alguma coisa?" Digo:não, não preciso nada. E aí o, dali a três dias acendeu a luz. Apareceu uma pessoa pra tira fotografia, tirei.

VALÊNCIO XAVIER:- 3X4

RODOLFO GUERKE:-É. 3X4. Depois no outro dia começou, veio um senhor, lá do sertão de cima a cavalo, desceu lá, eu já tava quase fechando o estúdio, ele disse: "Moço, eu preciso tira uma fotografia porque preciso pra hoje, que tenho que vortá lá pro sertão", digo: ai meu senhor, não posso, eu tô cheio de serviço aqui e... /riso/ não dá, tá quase na hora de fecha, o senhor vai num outro fotôgrafo ali na frente que ele faz pro senhor. Aí ele foi no outro fotôgrafo, ele, era queimado comigo, ele tinha inveja, porque eu tava tomando a freguesia dele nê /ahã/ ele falou pro velho assim: "Não você vá lá com aquele vigarista da ponte lá, que ele faz pra você". Eu tinha um estúdio bem na cabeçera, ponte de concreto, aí ele chegou lá: "Olha aqui meu senhor aquele guri maroto, mandou que era pra vim tira aqui, que o senhor é um vigarista" /riso/ aí eu falei pra ele, digo: Não, então o senhor entra aqui, entre

aqui que eu já tiro a fotografia. Faziam 15 minuto entre guei o serviço pra ele nê. Quando foi dali uns dias apareceu os filho dele lá com um cargueiro /riso/ frango pra mim (riso) de agradecimento. Eu sei dize que, que minha vida aqui foi foi assim.

VALÊNCIO XAVIER:- Agora o senhor me diga uma coisa, como é que o senhor passou a gostar de cinema.

RODOLFO GUERKE:- A isso desde, de, desde criança lá em Pirai, tinha o "Cine Iris", tô vortando atrás agora nê /ê/, então o filho do, do empresário do cinema era muito amigo meu, colega de escola, tudo nê, e eu, ele passava o firme, e eu queria a, vê também o firme lá e não tinha dinheiro pra paga a entrada, então ele abria antes do, do público entra, entrava eu, ia lá com ele, ficava escondido e vendo como é que ele passava os filme lá, tudo. Aparelho mudo /hum/, aí eu, quando fui pra fábrica já tinha noção nê /hum/ aí fui...

VALÊNCIO XAVIER:- Que tipo de filme o senhor via e que tipo de filme o senhor gostava de vê?

RODOLFO GUERKE:- Era Far West.

VALÊNCIO XAVIER:- É. O senhor lembra de algum filme, de algum ator?

RODOLFO GUERKE:- É tinha uma se... tinha uma seleção de, filme de Will(?) tinha de Charles Tarret /hã/ aquele, o Randophscott, /hã/ Buck Jones, dos tempo antigo nê, tinha o /tosse/, Wilian Farmo, e diversos, /Tom Mix/ Tom Mix /tosse/, aqueles era o tipo de filme que mais eu gostava /ê/, agora na fábrica de papel eu passei uns grande firme, "e O Vento Levou", "Morro dos Ventos Uivante", o "Olhai os Lírios do Campo" nê, firmes de longa metragem /ahã/.

VALÊNCIO XAVIER:- I, i o se, o senhor co, como é que era lá na fábrica de papel que, como o senhor escolhia os filmes e tal?

RODOLFO GUERKE:- Vinha um viajante nê /ê/ e trazia a relação dos firme /a esco.../ escolhia, tinha diversas i, i... empresas cinematográfica em Curitiba nê /ahã/ (?) a "Fox", "Paramonte", "Unaitê-Dartis", "Universar" e eu então escolhia os firme, da, dava as data pra ele /ê/, passava 3.^a feira tinha uma seção e 5.^a, sábado e domingo. Sábado passava um filme, domingo era outro firme, dois firme...

VALÊNCIO XAVIER:- Praticamente toda a semana, toda dia da semana a fábrica tinha...

RODOLFO GUERKE:- Tinha, tinha cinema...

VALÊNCIO XAVIER:- I, como o senhor passou a fazer cinema?

RODOLFO GUERKE:- Pa, passar como?

VALÊNCIO XAVIER:- Co, como, por que, que o senhor resolveu fazer filme também? conte como é que foi?

RODOLFO GUERKE:- A porque eu, eu gostava nê, pra firma?

VALÊNCIO XAVIER:- É.

RODOLFO GUERKE:- Aí eu comprei um filmador, desse 9mm e meio nê /ê/ aí comecei a filmar piquinique, pescaria, jogo de futebol, é essas baile caipira, de, desses, festa junina, e como tenho até hoje tudo gravado nos firme /ahã/ até que depois me roubaram o filmador que eu podia aperfeiçoar mais, não pude, eu tinha a intenção de, de fazer firme mesmo com enredo nê, da, ensaia o, os personagens tudo nê /ê/; mas depois fiquei sem o aparelho...

VALÊNCIO XAVIER:- Qual era o filme que, se o senhor fosse fazer filme de enredo, senhor já tinha alguma coisa na cabeça, como é que o senhor ia fazer e tal?

RODOLFO GUERKE:- É um filme de aventura /ê/ que eu queria fazer é firme de aventura de Bang-bang, (riso).

VALÊNCIO XAVIER:- Já tinha uma estória é inventada?

RODOLFO GUERKE:- Não eu inventava nê, ensaiava a turma nê, tudo amigo meu nê /ê/ ainda tinha, punha uma mocinha também nê /riso/ aqueles peão de, de fazenda tudo que, aqueles cavalo, tá acostumado anda a cavalo lá, aqueles lenço no pescoço, bota, espora, revolve na cinta, chapéu aba larga, nê, aqueles eram meus personagens.

VALÊNCIO XAVIER:- E esses, esses filme de 9¹/₂mm o senhor passava só em casa, mostrava pros amigos, como é que é?

RODOLFO GUERKE:- Não, ia passa em casa, em aniversário assim, por amizade nê /ê/... aqui quando cheguei em Jaguaraiava, logo que eu cheguei eu, esse aparelho grande, eu pus na, na frente da, da casa aí, pus numa tela aí na frente, mais pra trás...

VALÊNCIO XAVIER:- A esse que o senhor tem aí /ê/ (?)

RODOLFO GUERKE:- E pas... e comecei a passar os filme. Quando era, no começo tudo que passava ali ia parando pra vê o filme /ê/ e eu contei, tinha mais ou menos uns vinte carro e entre tudo encostado por lá assistindo os filme, e aqui em Jaguaraiava mesmo eu ia na, aniversário, passa fita pras criança /ê/ e aqui em casa mesmo, avisava a criança, um convidava o outro e, enchia de criança aqui, arrebatava pipoca de noite, dava pra toda criança...

VALÊNCIO XAVIER:- É, não cobrava nada?

RODOLFO GUERKE:- Nada, tudo era pra diversão para eles nê.

VALÊNCIO XAVIER:- É. E o senhor gostava disso?

RODOLFO GUERKE:- É, era, amei toda a vida, amei a arte fotográfica, como o senhor vê, como tem esses aparelho aí, fiz algumas adaptação... i zero pros firme antigo,

alguns já emboloro, joguei fora, e assim vivo aqui agora.

VALÊNCIO XAVIER:- A, antes da gente termina "seo" Rodolfo, eu queria que o senhor falasse da sua, da sua esposa nê, e o que que ela representou pro senhor?

RODOLFO GUERKE:- Uma grande mulher. Foi uma mulher que, que me me incentivou em tudo, me,tudo mesmo. Há já feito quando eu, era pra mim faze um curso no Ministério do trabalho nê, eu ia em Ponta Grossa com diária paga tudo i, achei que era pesado aquele estudo, que montei, tudo os livro aĩ, tudo sobre as leis trabalhistas nê /hã/, e eu falei, eu não vou mais, eu falei pra professora eu vou desisti eu, não quero; "não o senhor tem que vim, o senhor tá passando, tá,ta indo bem". Eu levantava de manhã cedo aqui, a patroa falava: "não Rodolfo, você não vai desisti, você vai, vai continua e vai passa" /ahã/. Então levantava cedo no clarea do dia andava com o livro aĩ pros quintar, estudando as, as matéria nê. Eu sei dize que eu passei, com nota cem nesses dois curso, como o senhor viu na, esse, esse /diploma/ diploma que eu tenho aĩ nê, i depois...

VALÊNCIO XAVIER:- Foi ela que lhe incentivou...

RODOLFO GUERKE:-Ela que me incen... ela que me fez na vida, porque eu não, não era ninguém, a, as, a fábrica de paper pra mim foi uma escola, alĩ que eu aprendi, tanto o, o, a arte fotogrãfica como a cinematogrãfica, o, em tudo, a produção do paper a fabricação nê, tudo alĩ eu aprendi.

VALÊNCIO XAVIER:- O, o, senhor foi casado quanto tempo?

RODOLFO GUERKE:- Em casei em 1933.

VALÊNCIO XAVIER:- E sua esposa faleceu quando?

RODOLFO GUERKE:- Fazem dez meses agora que ela faleceu. Faleceu com cinquenta e, cinquenta e quatro anos,

era lã de, mais nova do que eu seis meses /hum/.

VALÊNCIO XAVIER:- Como era o nome dela completo?

RODOLFO GUERKE:- Era Violete de Moraes Guerke.

VALÊNCIO XAVIER:- Como era o nome do, dos filhos seu que tã tocando o, o /estúdio/ é.

RODOLFO GUERKE:- Ney Amilton Guerke. Os neto é... é o Marcos Antonio(?) e o outro é o, o Rodolfo Guerke Neto, filho do, meu filho.

VALÊNCIO XAVIER:- Valeu a pena te, te cuidado de cinema, de cinema e te feito fotografia?

RODOLFO GUERKE:- Valeu, Pra mim valeu muito porque, eu do Ministério do Trabalho eu me aposentei muito bem... Tô agora ganhando bem mesmo, aposentado. Agora de, de indenização da fábrica de papel, o que eu ganhei, foi que eu aprendi.

VALÊNCIO XAVIER:- Ok, obrigado, encerrando. Valêncio Xavier que fez a entrevista.

O PARANÁ DEPOIS DO FLAGELO

Quinze meses são passados dos flagelos que se abateram sobre o Paraná em agosto-setembro de 1963. A ocorrência, verificada num curto espaço de tempo, numa sucessão de secas prolongadas, geadas fatais e finalmente violentos incêndios em lavouras e florestas, provocou um dos maiores estardalhaços de que se tem notícia na imprensa do país, com repercussões distorcidas no exterior. Um dos jornais da Guanabara chegou a estampar grandes títulos dizendo: "Municípios e Cidades Inteiras Arrazadas no Norte do Paraná". Na Europa houve jornal que foi ao exagero de noticiar que as ruas de Curitiba estavam abarrotadas de cadáveres, vítimas do fogo.

Em contraste com os exageros que então cercaram a notícia daquelas calamidades, hoje quase ninguém parece mostrar interesse em conhecer o esforço que se seguiu para recuperação e reconstrução das áreas flageladas.

É que depois dos exageros veiculados sobre as proporções do flagelo caiu-se no extremo oposto de afirmar que a calamidade dos incêndios não existira como calamidade, reduzindo-se a um fenômeno normal de queimadas de roças, sem maiores consequências. São mesmo os que testemunharam os dramas individuais e os prejuízos materiais havidos sabem que, apesar dos exageros de um lado e outro, a ocorrência foi muito mais séria que as notícias a seu respeito e que o Paraná foi de fato durante atingido pela brutalidade de incêndios incontroláveis, nos quais morreram queimadas cerca de cem pessoas e várias centenas de outras perderam tudo, incluindo casa, paiões, móveis, criação, plantação, etc.

"Considerando-se a concentração de área, o Paraná sofreu um dos maiores incêndios registrados no mundo, nos últimos anos". São palavras textuais do Sr. Merle S. Lowden, Diretor da Divisão de Controle de Fogo, do Departamento de Agricultura dos EE.UU., que visitou o interior paranaense na ocasião.

O engenheiro agrônomo Cesar Seara, assessor técnico do Gabinete Civil da Presidência da República, na época, como enviado especial ao Paraná, estimou que pelo número de pinheiros industrializáveis no Estado atingidos pelo fogo e mais os prejuízos pela queima de serrarias, as perdas na indústria madeireira paranaense teriam atingido a cifra aproximada de 17 bilhões de cruzeiros, acrescentando, no entanto, que se aproveitadas num prazo de dois anos as árvores adultas atingidas reduziriam de muito os prejuízos em potencial. São as Indústrias Klabin a maior indústria papelreira do país, foi atingida em 90% de seu patrimônio de pinheiros reflorestados.

O fogo se estendeu a 128 municípios do Paraná, devastando uma área calculada em 21 mil quilômetros quadrados, equivalente ao Estado de Sergipe. Cerca de 600 mil alqueires de matas, pastagens lavouras, casas, etc. sofreram os danos dos incêndios. A zona rural do Município de Curiuva foi uma das que mais sofreram, com um saldo de 139 casos, 50 ranchos e 68 mil hectares de matas e lavouras a colhêr, centenas de paiões de milho, mil cabeças de suínos, além de outras criações.

Estes são apenas alguns dados, extraídos do documentário publicado pela Assessoria de Imprensa do Governo do Paraná dando conta do flagelo e das providências para recuperação das áreas atingidas. A publicação reproduz as contas da Comissão Especial da Campanha "Socorro ao Paraná em Flagelo" que indica os recursos recebidos de todo o país e do exterior e as publi-

cações feitas até a transferência do setor executivo da Campanha a Caritas Brasileira (Conferência de Bispos).

Além dos socorros imediatos em medicamentos, plasma, alimentos e agasalhos para os flagelados, que ficaram ao relento, socorros êsses que mobilizaram fundos de tôdas as providências, foi elaborado um programa de recuperação das áreas atingidas, mediante o lançamento de uma "Operação Sementes" para o qual se destacaram 55 agrônomos, 300 funcionários administrativos e 120 viaturas. Além disso procurou-se promover o reflorestamento e a execução de um plano de construção de casas, depósitos e outras benfeitorias rurais, encargo que se atribuiu ao DGTC, através de sua operosa D-ô (Divisão de Planejamento e Obras), cujos trabalhos prosseguem no interior.

Contando com uma dotação de 80 milhões de cruzeiros, o Departamento de Geografia, Terras e Colonização programou a construção de 400 casas para as vítimas do flagelo, com base em um levantamento feito pelo pessoal do departamento. Até o momento já foram aplicados aproximadamente 50 milhões de cruzeiros, resultando na construção e entrega de casas nas seguintes localidades: 5 em Arapotí, 10 em Conselheiro Mairynk, 3 na Lapa, 3 em Rio Negro, 3 em Campo do Tenete, 60 em Ortigueira, 27 em Cândido de Abreu, 20 em Reserva, 15 em Tibagi, 26 em Curiuva, 25 em Sapopema, 10 em Faxinal, 10 em São Jerônimo da Serra, 3 em Inajá, uma em Cerro Azul e uma em Rio Branco do Sul. Os próprios beneficiados auxiliam o DGTC na tarefa de reconstrução das residências destruídas pelo fogo e de outras benfeitorias, reduzindo-se assim, ao mínimo, o custo de mão de obra. A madeira, em parte foi doada pelas serrarias da localidade, e em parte comprada com recursos obtidos pela solidariedade de homens e mulheres de todo o país e do exterior.

PANORAMA - ANO XV - Nº 152 - Curitiba/Jan 1965

Págs. 40,41 e 42

★1989
CENTENÁRIO
da REPÚBLICA

CADERNOS DO MIS

- 1- O TROPEIRO
- 2- O CADERNO DE DONA SELMIRA
- 3- CACHORRO NÃO, CHICHORRO!
- 4- I FORUM NACIONAL DE MUSEUS
DA IMAGEM E DO SOM
- 5- ANTIGO PRÉDIO DO GOVERNO
- 6- CI(S)NE LÉLIO SORTO MAIOR
JUNIOR
- 7- BENTO FALA DO PARANÁ

GOVERNO DO PARANÁ

Álvaro Dias

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Renê Ariel Dotti

DIRETORIA GERAL

Danillo Lorusso

COORDENADORIA DE MUSEUS

Ivens de Jesus da Fontoura

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

Valêncio Xavier

